

O Discurso Jornalístico Sobre Toxicodependência e Droga

Cristina Ponte, Ana Cabrera e Rogério Santos(1)

RESUMO: Investigações quantitativas realizadas sobre a cobertura da imprensa face à toxicodependência e drogas dão conta do predomínio de textos noticiosos de curta dimensão, não assinados, cobrindo maioritariamente acções de repressão (apreensões, prisões, julgamentos). Analisar a cobertura jornalística desta problemática através de outros tipos de texto de maior implicação jornalística (notícias desenvolvidas, reportagens, artigos de análise e de opinião) ou com origem em “vozes” exteriores aos jornais (crónicas e artigos de especialistas, cartas de leitores) foi o objectivo deste estudo de cerca de dois meses (Maio e Junho de 1996), envolvendo a imprensa diária.

O estudo, organizado em torno das estratégias de aproximação aos leitores, fontes e valores notícia, e retratos de “personagens”, deu conta da diversidade de tratamento jornalístico, entre posições de maior abertura editorial, que faziam circular vozes dissonantes face às políticas em vigor, e posições de maior fechamento, organizadas em torno do binómio repressão-punição. Revelou também diversidade do acesso de fontes não oficiais e de “vozes privadas” à imprensa, nomeadamente jovens e familiares de toxicodependentes, e escassez de apresentação da toxicodependência como doença. Deu conta ainda da importância da personalização de figuras públicas como porta-vozes ou como protagonistas de “histórias exemplares”.

RÉSUMÉ: Des recherches quantitatives effectuées sur le travail de la presse en ce qui concerne l'addiction et les drogues rendent compte de la prédominance de petits textes noticieux, non signés, pour la plupart à propos d'actions de repression (appréhensions, prisons, jugements). Analyser le travail journalistique à propos de cette problématique par d'autres types de texte d'implication journalistique majeure (nouvelles développées, reportages, articles d'analyse et d'opinion) ou venant de “voix” extérieures aux périodiques (chroniques et articles de spécialistes, lettres de lecteurs) a été l'objectif de cette étude d'environ deux mois (Mai et Juin 1996), engageant la presse journalière.

L'étude, organisée autour des stratégies d'approche aux lecteurs, des sources et des valeurs nouvelles, et des portraits de “personnages”, a rendu compte de la diversité du traitement journalistique, entre des positions de plus grande ouverture éditoriale, qui faisaient circuler des voix dissonantes vis-à-vis les politiques en cours, et des positions de plus grande fermeture, organisées autour du binôme répression-punition. Elle a aussi montrée la diversité de l'accès à la presse de sources non officielles et de “voix privées”, notamment les jeunes et les familles des toxicomanes, et la pénurie de présentation de l'addiction en tant que maladie, et encore de l'importance de la personnalisation de figures publiques en tant que porte-voix ou protagonistes d'“histoires exemplaires”.

Abstract: Quantitative studies on the press news about addiction and drugs, generally show that short news not signed and mainly on short facts (apprehensions, imprisonments, judgements) prevail.

The present study, based upon daily press from May to June 96 aimed at analysing a different kind of journalistic texts - developed news, newspaper reports, articles of analysis and opinion - as well as texts written by others than journalists - chronicles and articles from experts, letters from readers.

The analysis of approaching strategies to the readers, sources, values and portraits of “personalities”, revealed the diversity of journalistic approaches, graduated from the wider positions, expressing opinions against the official politics, to the “restricted” ones on repression-punishment. The study also shows the diversity of access of non-official sources and “private voices” to the press, namely young people and drug addicts family, as well as the shortness of news about drug addiction as an illness. The importance of some public personalities as “speakers” or actors of “exemplar stories” is also obvious.

INTRODUÇÃO

Esta investigação situa-se na corrente de estudo da comunicação designada por Análise do Discurso. No que se refere ao discurso jornalístico, privilegiam-se as dimensões cognitivas e sociais que organizam as regras e as estratégias subjacentes à sua produção e compreensão. Como principais pontos destacam-se o estudo da mensagem jornalística como um discurso completo, envolvendo aspectos como 1) os processos de agendamento das matérias e a *negociação* entre fontes e jornalistas; 2) as estratégias de aproximação aos leitores; 3) a análise de peças partindo das suas estruturas de superfície - dados que se podem observar e medir - a fim de atingir as estruturas de sentido subjacentes(2).

Realizado na continuidade do *Estudo Exploratório de Análise de Conteúdo "Imagens da Toxicodependência nos Media"*(3), a investigação orientou-se pelas seguintes perguntas: Como é que o discurso da imprensa, centrado em acontecimentos do dia-a-dia, cobre a problemática da toxicodependência? Que valores-notícia e fontes de informação são mobilizados? Quando se refere toxicodependência, que aspectos de consumo são seleccionados e tratados e que aspectos são ignorados? Que personagens têm maior visibilidade e como se caracteriza essa visibilidade?

O conjunto de textos recolhidos no *Público*, *DN*, *JN* e *CM* constituiu a base do trabalho deste artigo. No panorama fornecido pelos 689 textos entre 1 de Maio e 30 de Junho de 1996, foi delimitado um conjunto, com os seguintes critérios:

- 1) A problemática da toxicodependência e da droga como tema central(4);
- 2) Peças jornalísticas mais desenvolvidas(5).

A investigação incidiu sobre: estratégias de aproximação aos leitores; fontes e valores notícia; personagens. Os procedimentos de investigação obedeceram à aplicação de matrizes de análise qualitativa adequadas a cada um dos eixos.

1. ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO AOS LEITORES

A aproximação aos leitores por parte dos diferentes jornais decorre de pressupostos das redacções acerca dos conhecimentos e das necessidades de informação dos públicos a que se dirigem. Também estes últimos pos-

suem expectativas sobre a linguagem e a cobertura jornalística da realidade social realizada pelos diversos jornais. Assim, procurou-se averiguar como a imprensa apresentava a droga e toxicodependência aos seus públicos-leitores, que "contratos de leitura" propõem, dando conta do que as aproxima e do que as separa. Para essa caracterização foram analisados quatro vectores: a distribuição dos textos pelos jornais, a autoria (presente ou ausente), os títulos e as imagens.

O *Público* é o jornal onde as referências à toxicodependência e droga surgem em menor número. Mais de metade são secundárias em relação à matéria jornalística tratada, caso único, tal como a maioria dos textos serem assinados por jornalistas. É este o diário que apresenta menos peças de forma conectada e onde é mais escassa a autoria de textos por parte de personalidades de domínio público ou leitores. Obteve, em contrapartida, a percentagem mais elevada de textos de opinião onde esta matéria está presente, proveniente assim dos seus próprios profissionais. As duas referências mereceram lugar na primeira página: o dossier sobre o Centro das Taipas e o caso Oleiros, este último como manchete.

A linguagem dos títulos do *Público* joga na cumplicidade com os saberes e conhecimentos actualizados dos seus leitores. Nos textos de informação (notícias breves e desenvolvidas, reportagens), há equilíbrio entre títulos informativos e expressivos. Os títulos informativos são frequentes em notícias breves: *Quatro detenções em Nisa e Monforte*; *Traficantes detidos na Sertã e Tomar*. Os títulos de primeira página são particularmente expressivos. *Sem tempo para esperar* anuncia o destaque sobre o Centro das Taipas. Na entrevista intitulada *De que falamos quando falamos de cura*, as palavras de Luís Patrício, sem aspas, constroem um grande discurso comum. *Ciganos fora de Oleiros* introduz a extensa reportagem cujo antetítulo irónico - *Oleiros, Vila Verde, fica para os "lusitanos"* - evoca a fundação da nacionalidade e segregação. Nos textos de comentário, análise e opinião reforça-se a dimensão expressiva: *Quem tolera o tráfico das drogas*; *Que droga de ética*. O jornal apela a uma memória geracional de *slogans* de intervenção política e social (*Solidários sim, militantes não*; *Pelo Pão*; *Droga: ousar lutar; ousar vencer*) e a conhecimentos na área da música ou do cinema: *Leary in the sky with diamonds*; *O suspeito do costume*.

Nas imagens fotográficas do *Público*, os actantes mais frequentes são figuras públicas. Ainda que em número escasso, imagens particularmente fortes do ponto de vista expressivo e simbólico incidem sobre personagens do domínio privado, nomeadamente ciganos e consumidores. Uma outra foto expressiva centra-se num consumidor e ilustra o texto sobre Rohypnol. Como legenda, uma frase em primeira pessoa: “*Não me lembro de nada, foi o que me contaram*”. Na imagem, um jovem, não identificável, segura a cabeça com a mão. À sua volta o espaço é preenchido com brumas ondulantes de fumos, por entre as quais se vislumbram rostos indefinidos. O recurso a imagens não fotográficas em textos centrados sobre toxicod dependência ou droga é escasso, como na restante imprensa.

No *DN*, a toxicod dependência ou droga são o tema central em 64% das peças, o que representa a segunda posição entre os quatro diários, muito perto do máximo atingido pelo *CM* (66%). A apresentação de textos de forma não conectada é dominante. Notícias breves e desenvolvidas impuseram-se a outros textos: o género reportagem esteve presente em cinco trabalhos, dois dos quais grandes reportagens. Registam-se ainda duas entrevistas e o menor número de artigos de opinião sobre este assunto. As duas referências de primeira página foram para a entrevista ao Comissário do Observatório Europeu das Drogas e da Toxicod dependência (OEDT), Georges Estievenart, e para a morte de Carlos Rosa em Sacavém.

O *DN* privilegia o uso de títulos informativos para notícias breves sobre intervenções policiais e judiciais: *Prisão de traficantes; Droga em Évora; A cocaína nos bebês*. Alguns títulos são particularmente interpretativos: *Droga: a montanha pariu um rato?*, que tem como antetítulo: *Guterres anuncia amanhã no Algarve medidas contra o seu “inimigo principal”*. As imagens fotográficas destacam o espaço como actante. O espaço institucional como protagonista é particularmente notório numa ilustração fotográfica do interior de salas de tribunal onde é visível o dispositivo do julgamento: a mesa dos juízes, a figura interpelativa do advogado, a presença de um agente policial ao fundo e em primeiríssimo plano as cabeças da audiência sentada e dos julgados, onde se distingue a cabeça de uma mulher, com um penteado de características ciganas. A legenda articula-se com a

imagem judicial: *Um dos libelos acusatórios consistia na ostentação de súbitos sinais exteriores de riqueza de alguns arguidos*.

Enquanto se privilegia o tratamento referencial para as figuras públicas, também as imagens fotográficas de figuras do domínio privado são apresentadas de forma mais expressiva. É o caso de um ex-toxicod dependente numa cerimónia de “graduação”, fotografado em plano médio com uma criança ao colo e identificado na legenda: *Luis Filipe Oliveira, um dos “graduados”, conta a sua vida de recuperação*.

No *JN* destaca-se a maior presença de textos de vozes externas ao jornal, maior diversidade de géneros jornalísticos e sua frequência, mais chamadas de primeira página para matérias no interior, respectivamente reportando a toxicod dependentes: entrevista a um magistrado do Ministério Público (*Era dependente de heroína e a hierarquia sempre o soube*), a uma notícia sobre uma reunião no âmbito de uma visita de Jorge Sampaio ao Algarve (*A Droga é mesmo uma causa nacional*) e a uma reportagem, *GNR ataca tráfico de droga nos barracos*.

A apresentação de textos de forma conectada surge em cerca de um terço das peças. Relativamente aos 57% de textos em que este é o conteúdo central, igualmente sobressai a diversidade de géneros: para além das notícias, cinco reportagens, quatro entrevistas, três textos de análise e de opinião trataram esta matéria como tema principal. A maior parte dos textos produzidos por jornalistas não são assinados. É o *JN* o jornal que mais espaço dá a vozes externas, de especialistas e leitores.

Os títulos do *JN* recorrem com frequência a formas expressivas e cúmplices com o leitor, como o uso de aspas, para conteúdos informativos: *Negou a venda do “produto”; “Supermercado” de droga*. Outra característica é a identificação precisa do local da acção, sobretudo no Grande Porto. Nos textos de comentário, análise e opinião, dominam títulos expressivos: *O grande drama da sociedade; É preciso dizer não!* Nesta expressividade há co-responsabilização: *Droga... responsabilidade adiada; É solidário quem quiser* e interpelação directa ao leitor: *Dependências?; Droga: cumplicidade benevolente?*

O tratamento fotográfico no *JN* dá relevo à actuação das forças de segurança em bairros degradados. Outro espaço de visibilidade da actuação das forças de segu-

rança é o interior das suas instalações: uma fotografia mostra em primeiro plano os objectos apreendidos, tendo como fundo o cartaz identificador da PJ e como legenda um resumo da acção: *Heroina e "coca", mil contos em dinheiro fresco, outro tanto em ouro, uma balança digital e cinco telemóveis, foram alguns dos produtos apreendidos pelos homens da PJ portuense.*

Os consumidores são também frequentes nas imagens do JN e no seu tratamento jornalístico sobre a toxicodependência. *Ontem um loiro guardião, hoje uma desilusão,* apresenta a imagem de um jovem de costas, com outra extensa legenda-resumo, interpretativa e organizada em torno de oposições: *Ontem, não há muito tempo, este agora arrumador de carros, era um excelente guardião, numa baliza de futebol, e com a camisola do Leixões. Hoje, porém, parece perdido, ali para os lados das Marisqueiras, em Matosinhos.*

É no CM que surgem mais textos com referência à droga e toxicodependência: média de 3,5 por jornal. É o jornal com maior número de contributos de leitores e menor de especialistas. Este é também o jornal com mais notícias breves e onde a apresentação articulada é mais frequente: quase metade (45,6%) dos textos estão conectados entre si, ou seja, há proximidade de textos centrados sobre este assunto. Como única chamada de primeira página, a morte de Carlos Rosa, em Sacavém, com o título *Simplemente monstruoso!* e onde o único atributo da vítima é ser toxicodependente, no texto que se segue: *Comandante da GNR mata e decapita toxicodependente.*

Nos textos de informação, os títulos deste jornal associam a elementos referenciais uma semantização expressiva - *Cabecilha confessa acção de narcotráfico* - e também elementos interpretativos: *Ecologia empata combate à droga.* Há nestes títulos, que dão conta de acções e que se poderiam considerar informativos, elementos de construção expressiva-apelativa dirigindo-se à memória do leitor do jornal, ao seu reconhecimento de significados pela repetição da sua presença nas páginas do jornal. Assim, são frequentes: - quantificações, onde o cardinal é a forma de nomeação do sujeito desviante (*Sete com droga; Três com heroína; Trio apanhado com droga*), títulos que dão conta de um cenário interrompido pela pressuposta intervenção das autoridades (*Cela de Custódias escondia heroína;*

Encomendavam droga por telemóvel; Casal trazia droga), fixações de léxico elementar ("apanhar", "deter") relacionado com intervenção policial e judicial.

Neste jornal, a maioria das fotografias não identifica o seu autor. A tónica das fotos organiza-se à volta do binómio tráfico de droga-intervenção das forças de segurança, com legendas extensas e por vezes interpretativas: numa rusga nocturna onde são visíveis polícias armados e dois jovens negros com barra no rosto lê-se na legenda: *A operação vem na senda das últimas que têm decorrido em Lisboa e arredores. Prevenção é, para a PSP, a palavra de ordem. Os espaços públicos e exteriores dominam no tratamento fotográfico do CM.*

2. FONTES E VALORES NOTÍCIA

Considera-se fonte a entidade, porta-voz ou figura que fornece informações sobre eventos ou realizações ao jornalista: fontes do domínio público (Presidente da República, governo, instituições oficiais e governamentais, forças de intervenção, especialistas, *opinion makers*) e do domínio privado (consumidores, familiares). Foram ainda distinguidas as "vozes", do domínio público e privado, "activas" quando presentes no texto através de citações, ou "passivas", quando apenas referidas, sem acesso à palavra.

Para análise deste ponto, foi central o conceito de *noticiabilidade* e a sua ligação ao de valor-notícia. Por *noticiabilidade* entende-se o conjunto de elementos através dos quais o meio de comunicação social controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que seleccionar as notícias⁽⁶⁾. Os valores-notícia são os códigos jornalísticos que olham o mundo de um modo particular, código ideológico ou quadro social, servindo para narrar as *estórias* e conduzindo os acontecimentos considerados interessantes, significativos e relevantes à sua transformação em notícia. De entre eles destacam-se a actualidade, a proximidade - geográfica, psicológica, afectiva -, a frequência, a clareza, o inesperado, o insólito, a continuidade, a referência a países e personalidades de elite, a personalização, a negatividade, a dramatização, a simplificação.

Por regra, as fontes aparecem identificadas, isto é, as informações sobre acontecimentos são prestadas sem recurso às fontes anónimas. A frequência com que apa-

recem vozes de autoridade e da ordem remete para um quadro de retorno a bons costumes e comportamentos, através de posições que limitam os desvios sociais. Como consequência, as intervenções policiais e judiciais reflectem o peso conferido às atitudes punitivas. Daí que o valor-notícia mais frequente seja o da negatividade/repressão.

As forças da ordem são mais citadas no *DN*, *JN* e *CM*, sendo este o que mais destaca os modos punitivos (rusgas, prisões, julgamentos) e o que apresenta o menor número de vozes activas do domínio público e de notícias desenvolvidas. O *Público* é o jornal que mais relevo confere às figuras públicas e líderes de opinião, e também o que concede o maior espaço a ciganos. As famílias têm escassa presença como “voz activa”, aparecendo em espaços de informação mais popular, quer nas peças informativas quer em cartas de leitor, exprimindo o desejo de partilha social dos seus dramas.

As matérias noticiáveis com maior relevo foram acontecimentos de rotina, partilhados pela imprensa de informação, previamente preparados pelas fontes para terem visibilidade jornalística (visitas, inaugurações, datas evocativas)(7), ocorrências focando o funcionamento do sistema (julgamentos, prisões), assim como acontecimentos inesperados e disruptivos (crimes). Estas matérias preenchem o registo noticioso, nomeadamente sob a forma de pequenos relatos (notícias breves e de fonte única). No agendamento político e social sobre a droga, pautado por duas ocorrências de grande visibilidade mediática - a Presidência Aberta de Sampaio ao Algarve, a 12 e 13 de Junho, e o Dia Internacional contra o Tráfico Ilícito e o Consumo, a 25 de Junho - houve uma particular visibilidade de textos não tão estritamente noticiosos sobre o tema: crónicas de jornalistas, reportagens, edição de cartas de leitores sobre o assunto, reveladora de como se imbricam as agendas oficiais e os critérios editoriais. O agendamento próprio e a selecção temática de alguma imprensa deu espaço ao tratamento de matérias em registos de grande proximidade, das reportagens aos espaços de opinião(8). Embora escassas, surgiram nos textos vozes de especialistas, de profissionais no terreno, de *opinion makers*, de familiares, trazendo para os jornais a polémica e o confronto, activando um debate alargado fundamental. Mais descomprometidos e não sujeitos a regras de

organização jornalística, *opinion makers* sugerem alternativas à posição oficial, exigindo a reforma do Estado e a liberalização.

3 - PERSONAGENS

Os textos jornalísticos, como outras narrativas mediáticas, precisam de personagens, protagonistas ou figurantes, que dêem visibilidade àquilo de que se fala. As *estórias* são organizadas para atrair a atenção, o interesse e a participação dos públicos, à semelhança da novela romanesca ou do conto popular. Para o presente estudo, procurou-se caracterizar o retrato genérico dos consumidores. A nível singular, procurou-se averiguar do desempenho de figuras públicas.

A caracterização das personagens trabalha a identificação, os atributos (físicos, psicológicos, sociais), a relação com outros e ambientes em que se inserem. Interessa particularmente dar conta do modo como se exprimem ou como delas se fala, por isso foi dada atenção à análise de vozes activas e passivas, públicas ou privadas.

Os jornais garantem, em geral, o anonimato dos consumidores. Relativamente a situações de consumo, numa passagem da reportagem sobre o Centro das Taipas, no *Público*, são apresentadas características diversas de um grupo de consumidores em sessão de terapia: *o homem com 12 anos de consumo que, depois de uma noite muito pesada, viu a mulher sair de casa e levar os filhos com ela. A rapariga que tinha trabalho mas foi despedida e que agora vive num quarto mas não tem dinheiro para comer e, ainda por cima, perdeu o namorado. A prostituta que não deixou de consumir mas que quer sair da “merda”. Um rapaz que está sem consumir há quase um mês, se sente bem, garante, mas que no fim do mês não recebeu o ordenado. Nem ele nem ninguém da empresa onde trabalha. Um outro rapaz que deixou a heroína e que agora, que está a conseguir manter-se “limpo”, anda mais preocupado com os “fantasmas” da coca que não param de o perseguir. Finalmente, o “falador”, que passou a sessão a interromper os outros. Diz que deixou a heroína mas continua “a dar na branca” (cocaína). Com medicamentos à mistura e tudo.*

O anonimato é quebrado em casos como o relatado na reportagem do *DN Toxicodependentes criam associação*.

Aí é central a história de vida de Ana Maria Gomes, consumidora durante 15 anos recuperou-se há ano e meio e resolveu fundar a Associação Porto de Abrigo, em Sines. Nota-se no *Jornal de Notícias* grande preocupação com a identificação pormenorizada: nomes são mencionados por extenso, indica-se a idade, o local da ocorrência.

Num dos poucos textos em que se refere o quadro familiar do consumidor, do *JN*, apresenta-se um rapaz de 15 anos, J.A., que se prostitui para ganhar dinheiro para a droga. Trata-se de uma entrevista, em que J.A. afirma andar neste “desporto” porque se ganha muito dinheiro, “andava desesperado, heroína, cocaína, metia tudo”. As estratégias de J.A. relativamente ao consumo de droga são apresentadas na primeira pessoa: “Eu metia-me na droga, na branquinha (heroína) e na castanha (cocaína). Metia-me na droga mas não queria ser destruído por ela. A heroína vicia, tira o apetite, prende uma pessoa, a gente quer sempre consumir mais, mas eu comprava umas ampolas na farmácia, tomava-as, e duas horas depois, tinha uma fome de leão. Nunca me fui abaixo.”

No *CM*, as peças centram-se nas consequências comportamentais dos toxicodependentes associando o consumo de drogas ao roubo, homicídio, sequestro e violência.

Os toxicodependentes são identificados nos casos de morte ou enquanto figuras públicas. *Robert Downey Jr. preso por posse de drogas e arma* descreve as circunstâncias em que o actor foi preso. Já antes uma extensa biografia ilustrada deste actor tinha surgido na revista dominical com o título *Festas, roupas e drogas levam actor à falência*, e onde Robert Downey comenta “ter algumas qualidades de autodestruição”.

A análise das figuras públicas do campo político centrou-se na identificação, contexto da intervenção, linhas fortes das palavras proferidas em relação ao tema e outros enfoques dos textos jornalísticos (títulos, fotografias, legendas).

A figura pública política com maior destaque neste período foi Almeida Santos, que publicamente se assumiu como “um pai que já sofreu com a droga”. O Presidente da Assembleia da República aparece como “personagem organizadora” em títulos, imagens e no corpo de textos que cobrem iniciativas públicas relativas ao tema. É a figura pública que mais ressalta da cobertura jornalística do Dia Internacional contra o

Tráfico Ilícito e o Consumo de Drogas, a 26 de Junho, e coberto pelos diários: surge na reportagem do *DN*, defendendo uma “revisão de estratégia” e apelando a uma intervenção político-social colectiva (“sejamos mais imaginativos, mais arrojados e experimentais”). Encabeça a reportagem do *JN*, *Droga nas Farmácias/Proposta de Almeida Santos para evitar as “mixórdias”*, que o cita em destaque: “A repressão não resolve nada”, eis a convicção de Almeida Santos. São evocadas as suas posições em cartas de leitores, familiares de toxicodependentes que com ele partilham o seu drama pessoal, alguns interpelando-o directamente (*SOS, dr. Almeida Santos*, no *CM*), e as suas posições são referidas pelo jurista Teixeira da Mota, no *Público*, contrapondo-as às de responsáveis governamentais (*ultrapassando a estreiteza de vistas da prioridade do combate à droga proclamada pelo primeiro-ministro, foi capaz de dizer que era preciso pensar na despenalização*).

O Presidente da República tem visibilidade nas peças jornalísticas da cobertura da Presidência Aberta no Algarve, no seguimento das comemorações do 10 de Junho, em Lagos. A Presidência fora preparada em torno de dois temas particularmente sentidos na região: as pescas e a droga. Foi este último, o combate ao tráfico de droga, o enquadramento seleccionado pela cobertura jornalística. O empenho do Presidente é manifestado em títulos declarativos e enfatizando o consenso (*A droga é mesmo uma causa nacional*, no *JN*; *Sampaio quer todos contra a droga*, no *CM*). O *DN* traduz em título a disposição de Sampaio (*Presidente firme no combate à droga*), sendo as peças ilustradas com imagens do Presidente. Enquadramento diferente a esta personagem é feito pelo *Público*, que articula a deslocação de Sampaio ao Algarve com uma anterior, do governo a Quarteira, e organiza a sua peça fazendo intervir Presidente e Governo (*Cerco ao “inimigo” de Guterres é o título*), construindo a entrada da peça em torno das “recomendações” ao Governo para que *não se esqueça o inimigo número 1* e o tenha em conta nas opções orçamentais.

CONCLUSÕES

Nos “contratos de leitura” nos jornais diários denota-se uma oposição entre um vector de abertura e outro de fechamento relativamente à cobertura jornalística da

droga e toxicoddependência. Por um lado, encontramos a divergência e a confrontação racionalizante de argumentos, uma escrita de autoria, uma apresentação das peças que confronta os leitores com os seus conhecimentos e que introduz novas linhas de leitura do fenómeno (*Público*). Por outro lado, verificamos ausência de assinatura, um discurso assente em estruturas profundas de simplificação dicotómica do fenómeno, entre o permitido e o proibido, o crime e o castigo, quem fala e quem age no terreno, mais inquestionáveis porque apresentadas como voz colectiva e informação objectiva e factual (*Correio da Manhã*). Na comparação entre jornais ressalta também a diversidade entre o enquadramento da toxicoddependência e drogas como elementos de problemáticas mais vastas, frequentemente surgidas nos textos como aspecto secundário (*Público, Jornal de Notícias*), e uma associação destes fenómenos à criminalidade e punição, apresentadas como somatório de ocorrências idênticas (*Correio da Manhã*).

A dimensão local foi a privilegiada jornalisticamente. Há escassez de enquadramentos políticos, sócio-culturais e sobretudo económicos e internacionais que dêem conta da mundialização do fenómeno e de interesses geo-estratégicos. São raros os textos que situam o circuito económico das drogas, o seu peso nas economias produtoras ou os processos de branqueamento que suscita, como são poucos os textos que apresentam informação comparativa de outros países sobre esta matéria.

Que metáforas cobrem o discurso informativo da imprensa, centrado em acontecimentos do dia-a-dia, quando refere a toxicoddependência ou droga? O elevado número de peças onde a droga ou toxicoddependência são periféricas face ao conteúdo central da matéria (43,8%)(9) sublinha a metáfora da droga como *mancha de óleo*, que alastra sem se deter.(10)

Como matéria principal, a droga e toxicoddependência configuram-se em torno de três grandes metáforas:

- "*inimigo público*", incrementada pelo próprio primeiro-ministro, largamente dominante, por vezes contraditória nas suas conclusões - opondo o sucesso da operação pontual ao insucesso da eliminação do problema;
- *exclusão*, assumindo também configurações diversas: desde narrativas de exclusão social de toxicoddependentes que no passado foram figuras de referência, a acusações ou alertas para formas de exclusão a nível familiar, profissional e judicial, em artigos de opinião e crónicas;
- *redenção*, coexistindo discursos apoloéticos de salvação com outros onde a tensão conflitual que acompanha o processo de tratamento é protagonista. ■

Cristina Ponte

Ana Cabrera

Rogério Santos

Departamento de Ciências da Comunicação

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade

Nova de Lisboa

NOTAS

- (1) Doutorandos no Departamento de Ciências da Comunicação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- (2) Van Dijk, Teun. "Discours Analysis. Its Development and Application to the Structure News". *Journal of Communication*, 2, 1983.
- (3) Observatório Vida. "Representações sociais da Toxicodependência. Imagens da Toxicodependência nos Media. Análise de conteúdo - Estudo Exploratório". Lisboa, 1997. Vide *A Droga nos Media Toxicodependências*, Novembro de 1987.
- (4) Note-se que as informações quantitativas da Análise de Conteúdo apontaram a grande presença de referências periféricas a este tema (44%), revelando como a problemática é percebida como social e actual, surgindo a propósito dos mais diversos assuntos.
- (5) Ainda que as notícias breves sejam a forma de tratamento do assunto mais frequente, privilegiaram-se para a análise do discurso jornalístico textos informativos de maior extensão - que cruzam fontes e incidem sobre meios sociais e personagens do espaço público: notícias desenvolvidas, reportagens, grandes reportagens, entrevistas -, e textos argumentativos (textos de opinião e de análise);
- (6) Wolf, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa, Presença, 1987.
- (7) Acontecimentos que o sociólogo norte-americano Daniel Boorstin designa por "pseudo-acontecimentos".
- (8) Destaque-se o longo dossier sobre as Taipas, no *Público* de 19 de Maio.
- (9) Estas surgem a propósito de ocorrências tão diversas como a desertificação humana no Alentejo, o salário mínimo garantido, o crime de Sacavém ou uma entrevista com o Ministro da Administração Interna.
- (10) É o caso de uma entrevista ao Ministro da Administração Interna, em que um jornalista articula as suas questões com a resposta do MAI, avaliando-as de seguida: O espectáculo do consumo e tráfico da droga extravasou as zonas tradicionais das cidades, começou a alastrar como uma mancha de óleo e, aos olhos de muita gente, passou a ser mais uma fonte de insegurança. "As instruções existentes são no sentido de desenvolver a presença e a actividade das forças policiais nesse campo". Só isso. *Público*, 10 de Junho de 1996.